

«Prefiro que a minha peça se aproxime da revista do que do drama histórico»

— disse-nos José Cardoso Pires a propósito do «Render dos Heróis» a estrear no Império pelo Teatro Moderno

Dentro de dias, o Teatro Moderno de Lisboa vai levar á cena, pela primeira vez, a peça de José Cardoso Pires «O Render dos Heróis», que por muitos motivos está a ser aguardada com invulgar interesse e promete constituir o grande acontecimento teatral da temporada. E enquanto mais de vinte actores e figurantes ensaiam no palco do Império, José Cardoso Pires trabalha, mas longe dali e da peça que escreve.

Um novo original teatral? Não, um romance. O autor de «O Anjo Ancorado» e de «O Hóspede de Job» não se revela facilmente sugestionável com as euforias de momento. Três companhias — nada menos do que três — vão levar á cena quase simultaneamente, em Lisboa, no Porto (Teatro Experimental) e em Coimbra (CITAC) o seu «Render dos Heróis», facto que julgamos inédito em relação a um autor nacional. E, entretanto, Cardoso Pires, a trinta quilómetros da capital, trabalha num novo romance...

● Um desfile burlesco

Vivenda sobre o mar, instalada em rochedos a pique. Lá longe, as Berlengas a esfumarem-se na palidez da tarde e aqui, no terraço onde nos encontramos, a musica de um «pick-up» que gira lá dentro, na sala de trabalho do escritor. Nenhum vestígio encontramos nesta casa da peça que está a ser montada em Lisboa, nenhum recorte de imprensa, «maquette» ou figurino das personagens que ele criou e que em breve vão desfilar perante o publico. Em vez disso, numa parede, um mapa de trabalho com indica-

ções e movimentos das figuras do romance que está a escrever.

Romance? Cardoso Pires evita as definições («não o preocupam», assinala-nos ele. E acrescenta: «Os géneros literários evoluíram de mais, para que estejamos presos ás classificações de manual»).

Na verdade, quando «O Hóspede de Job» foi laureado com o Prémio Camilo Castelo Branco, um dos temas que se levantaram foi o da concepção de romance que a obra significava. Com «O Render dos Heróis», a surpresa é idêntica.

Teatro? Antiteatro ou desmistifi-



José Cardoso Pires, a 30 quilómetros da capital, fala-nos da sua peça

cação do Teatro, como o definiu um dos nossos críticos mais destacados?

A isso, Cardoso Pires limita-se a responder-nos:

— Para mim, «O Render» é uma parada, um desfile burlesco dos mitos dos heróis.

— Que heróis? Os do liberalismo? A Maria da Fonte?

— Esses, e porque não? O facto de certa critica tendenciosa ter aplaudido na peça, quando a publiquei, as desmistificações do libera-

tismo de 1846, não me impede de afirmar que sim, que também foi isso que eu pretendi.

● «Um divertimento grave e ousado»

Em declaração publica, Fernando Gusmão, a quem o Teatro Moderno de Lisboa confiou a direcção do espectáculo, salientou as extraordinárias dificuldades de encenação de «O Render dos Heróis». Trata-se, como afirmou, de um dos originais portugueses mais caros em teatro declamado e, sobretudo, de uma peça que impõe um tipo de representação diferente. Porquê?

— Porque — responde Cardoso Pires — Gusmão recorreu a muitas coisas que, entre nós, estão convencionalmente fora do drama. Pantomima, «ballet», oratória... enfim, as mil expressões que podem fazer de um facto histórico um divertimento grave e ousado...

— Concorda portanto com a encenação?

— Bem vê... eu tive a sorte de ter encontrado um encenador cerebral num país em que tudo vive do gesto largo a da lágrima fácil. Fernando Gusmão é um homem que pensa no palco as frases que leu no texto. E enriqueceu-o inteligentemente.

● Solos de viola e ritmo de heróis...

— De resto — continua Cardoso Pires — o horror á representação naturalista é tão importante nesta peça como a recusa á demagogia. Para vencer de golpe o naturalismo, Gusmão não hesitou em impor aos actores um ritmo diabólico, e basta dizer-lhe que profissionais de longa carreira saem do palco a transpirar...

Um problema se põe agora — a função do encenador. Jornalista e entrevistado encontram-se neste fim de tarde fria e calma, abordando questões que se debatem, lá longe, em torno do palco do Império.

Cardoso Pires resume a situação em duas palavras:

— Para mim, encenar é recriar.



Algumas caricaturas da época da Maria da Fonte que serviram de modelo às máscaras de «O Render dos Heróis», na encenação do Teatro Moderno de Lisboa

Na montagem do Teatro Moderno de Lisboa, «O Render dos Heróis» é sublinhado por um fundo musical de Carlos Paredes e por certos esquemas de movimento em «ballet» e em pantomima. A encenação que João Guedes fará no Porto será de certo, muito diferente. E a do CITAC, idem. Com uma condição, porém: é que nenhuma delas poderá ser feita em estilo «heróico». Prefiro que se aproxime da revista do que do drama histórico. Maior franqueza do que isto...

● Um farol ilumina ao longe

A tarde cai, rápida. Esta conversa, que é como que o prefácio ao «processo» da Maria da Fonte, está no fim. Três heroínas, três Marias

da Fonte (Carmen Dolores, Angela Ribeiro e uma Voz) vão ser discutidas em termos dramáticos numa realização verdadeiramente revolucionária de processos. Alguma coisa de novo se está a passar no teatro português. A crise de casas de espectáculo e a crise do próprio espectáculo parecem finalmente encaminhar-se para soluções promissoras, e «O Render dos Heróis» é um desses passos decisivos, um clarão de actualidade a iluminar os palcos nacionais.

José Cardoso despede-se de nós, ao portão dessa casa da beira-mar. Lá dentro espera-o um novo livro. No mar, esfumado no horizonte, o farol das Berlengas lança uma luz breve sobre o fim da tarde.